

Uma das mais respeitadas intérpretes de samba do Rio Grande do Sul, Maria Helena Montier é ícone do Carnaval e da cultura popular do Sul do País

NATASHA MONTIER/DIVULGAÇÃO/ARQUIVO/JC

## Reportagem Cultural

Gabrieli Silva, especial para JC

Há histórias que ficam nos bastidores da cultura brasileira. Vozes que ecoaram nos palcos, nas rádios e nas avenidas, mas que, por diferentes razões, não ganharam projeção nacional equivalente a outras de sua geração. A cantora porto-alegrense Maria Helena Montier é uma dessas histórias.

Nos anos 1960, ainda muito jovem, ela cantou ao lado de nomes que se tornariam ícones da música brasileira. Entre eles, Elis Regina, outra gaúcha que ganharia projeção nacional. Enquanto Elis se transformava na 'Pimentinha' que conquistaria o Brasil, Maria Helena seguia abrindo caminho por outros territórios, onde o samba, o carnaval e a cultura negra do sul do País resistiam e floresciam longe dos grandes holofotes.

Quem a ouvia cantar dificilmente esquecia. Dona de um vozeirão potente, ela começou cedo. Aos 11 anos, já participava de programas de rádio em Porto Alegre, um espaço que, na época, funcionava como grande vitrine para jovens talentos. Na Rádio Farroupilha, um dos principais palcos de formação artística da época, disputava programas de calouros e musicais, desenvolvendo sua técnica, presença e domínio de público.

No entanto, assim como tantas mulheres de sua geração, ela precisou se dividir em muitas para manter a família e os seus sonhos. Aos 19 anos, Maria Helena interrompeu a carreira para casar e construir uma família. O casamento durou poucos anos. Quando a relação terminou, ela se viu diante de uma realidade dura: criar quatro filhos sozinha.

Foi nesse momento que tomou uma decisão que definiria o restante da vida. Voltou a estudar, formou-se técnica de enfermagem e ingressou no serviço público por concurso, trabalhando no Pronto Socorro Municipal de Porto Alegre e, posteriormente, no Hospital São Pedro, onde se aposentaria anos depois.

A música, porém, nunca desapareceu. Mesmo conciliando a rotina na área da saúde, seguia cantando. À noite, se apresentava em bares, bailes e casas noturnas. Era o início de uma trajetória que a transformaria em uma das vozes mais importantes do carnaval gaúcho – e em uma pioneira para as mulheres no samba do Rio Grande do Sul.

Maria Helena Montier se tornaria uma das primeiras mulheres a assumir o posto de intérprete – ou 'puxadora', como se dizia à época – em escolas de samba do Rio Grande do Sul. Um espaço historicamente masculino, onde sua presença não apenas se destacou, mas abriu precedente. E sua presença na avenida não passava despercebida. Pequena de estatura, mas gigante na voz e na postura, ela carregava no canto uma força que misturava técnica, emoção e ancestralidade. Passou por agremiações como Comanches, Fidalgos e Aristocratas, Realeza, Praiana, Imperadores do Samba e Bambas da Orgia, consolidando-se como referência no carnaval porto-alegrense.

Em janeiro deste ano, Maria Helena partiu, aos 81 anos, deixando uma lacuna difícil de preencher na história do samba gaúcho. Mas sua voz permanece viva nas lembranças de quem a ouviu cantar – e nas muitas mulheres que encontraram, em sua trajetória, a prova de que era possível ocupar espaços antes considerados impossíveis.

Leia mais na página central

# A voz que abriu caminhos, dentro e fora da avenida





Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Impactante e inesquecível

A atual temporada está começando com dois espetáculos que se referem diretamente às enchentes de 2023: a Cia. de Arte de La Negra Ana Medeiros apresenta, inspirada no livro de Ítalo Calvino, *Cidades invisíveis*, a que ela denominou *Sete cidades*, que cumpriu recente temporada no Centro Cultural da Santa Casa; e o diretor João de Ricardo está encenando, com a Cia., Espaço em Branco, o último texto deixado pelo dramaturgo Julio Zanotta Vieira, *Colapso e Destruição da cidade de Porto Alegre*, que estreou no Porto Verão Alegre, e que agora cumpriu temporada no Teatro Renascença.

Nesta coluna, quero abordar o trabalho de Ana Medeiros, espetáculo de vídeo-dança com idealização, direção geral, coreografia, cenografia e identidade visual todas assinadas pela artista que é, também, arquiteta e urbanista de formação (o que ajuda a entender muito sobre este trabalho).

Trata-se, sem sombra de dúvida, do espetáculo mais ambicioso e mais bem acabado de Ana Medeiros que, inclusive, sem se distanciar da dança flamenca, enriquece-a com outros olhares e experiências, contando, para isso, com um grupo exemplar de bailarinas, de um lado e, de outro, uma equipe multidisciplinar admirável. Conheço e acompanho Ana Medeiros há muito tempo, mas este seu trabalho me emocionou e alegrou profundamente: poucos artistas teriam a competência e a sensibilidade para, misturando tantas coisas, produzir um trabalho absolutamente homogêneo e oportuno, que equilibra a perspectiva altamente poética com uma abordagem profundamente crítica.

O trabalho está dividido em sete quadros, como sugere o livro de Calvino, tendo cada um deles uma intérprete em destaque: Gretha, Cristina, Malena, Serena, Hannah, Atena e Leci. As interpretações são de Ana Candida, La Compañera (a ordem em que menciono os quadros e as bailarinas não tem necessária conexão); Bianca Benevenuto, La Señora; Emily Borghetti; Luciana Meira; Patrícia Correa, La Paloma e Thaís Virginia, La Sol.

Ana Medeiros, com a contribuição das próprias companheiras de espetáculo,

somou ainda fotografias de Tiago Antoniazzi, vídeos de Fábio Zambon, imagens de drones de Leo Medeiros, a trilha sonora de Paola Kirst e Tamires Duarte - do Coletivo Pedro Redonda - mais a iluminação de André Hannauer e a sonorização de Wagner Lagemann, e nos traz um espetáculo absolutamente inesquecível e inusitado. Conhecemos uma outra Porto Alegre, que se universaliza radicalmente, ora transportada pelos trens e viajando por suas passarelas e estações, ora avançando pelas avenidas e ruas alagadas ou atravessando espaços desérticos. Levei uns bons dez minutos para entender que estava diante de uma Porto Alegre subterrânea e escondida, repentinamente revelada para cada espectador, num resultado que, na junção de vídeo e de dança, sobretudo nas imagens em preto-e-branco, mais do que nas coloridas, nos obrigam a nos ensimesmar e indagar: o que estamos fazendo com nossa cidade? Um misto de surpresa por espaços que não reconhecemos num primeiro momento, valorizados de modo revelador, e tristeza, por reconhecermos outros espaços, bastante nossos conhecidos, totalmente destruídos.

A direção artística é de Everson Silva - e é importante ter um olhar

desde fora, para impedir que tudo isso, esta imensa riqueza de imagens, ideias e sentimentos, não se perdessem numa torre de babel, ganhando os sentidos que a artista queria efetivamente lhe emprestar.

Com financiamento da Política Nacional Aldir Blanc, *Sete cidades* é profundamente impactante. Por isso mesmo, deveria ser contratado pelas Secretarias de Educação municipais e estadual para ser apresentado em colégios, ou que as escolas viessem ao teatro para conhecê-lo. É absolutamente importante que os jovens sejam sensibilizados, já que a maioria dos adultos teimam no negacionismo sobre as questões e as consequências do meio ambiente.

*Sete cidades* foi um dos espetáculos de artes cênicas mais bonitos e mais impactantes que assisti, nesses muitos anos em que escrevo esta coluna e acompanho o movimento de nossos palcos.

*Poucos artistas teriam a sensibilidade de, misturando tantas coisas, produzir um trabalho tão homogêneo e oportuno*

## Família von Richthofen é alvo de documentário

Mais de duas décadas após o assassinato de seus pais, Suzane von Richthofen volta ao centro do debate público ao aceitar visitar o próprio passado em um documentário da Netflix. A produção, que ainda não tem data oficial de lançamento, promete trazer a versão da própria condenada sobre o crime que chocou o Brasil em 2002.

As informações foram divulgadas pelo jornalista Ulisses Campbell, em reportagem publicada no jornal O Globo. Segundo ele, o longa exibido inicialmente em uma pré-estreia restrita, apresenta não apenas o relato de Suzane sobre o assassinato, mas também detalhes de sua vida atual e uma tentativa de reconstrução de sua imagem.

No documentário, Suzane descreve a própria infância como marcada por frieza emocional, ausência de diálogo e distanciamento afetivo. Segundo seu relato, a família vivia sob um clima de silêncio e cobrança constante, no qual ela e o irmão se tornaram, aos poucos, "invisíveis".

A condenada sustenta que esse ambiente contribuiu para o rompimento definitivo com os pais, Manfred von Richthofen e Marísia von Richthofen. Em sua versão, o relacionamento com Daniel Cravinhos vira elemento central nesse processo, ocupando o espaço emocional que, segundo ela, não existia dentro de casa.

O assassinato, ocorrido em 31 de outubro de 2002, é reconstruído sob a ótica de Suzane como o desfecho de uma escalada de tensões familiares. Ela afirma que a ideia do crime não surgiu de forma direta, mas foi sendo construída gradualmente, em meio a conflitos e ressentimentos.

Apesar de admitir responsabilidade, Suzane tenta se distanciar da execução. No documentário, afirma que não participou

diretamente das agressões, realizadas por Daniel e Cristian Cravinhos, embora admita ter permitido a entrada dos dois na casa e ter conhecimento do que aconteceria. "A culpa é minha", diz em um dos trechos.

Um dos momentos mais controversos envolve o relato da delegada Cíntia Tucunduva, que investigou o caso. Segundo ela, Suzane foi encontrada dias após o crime em uma situação incompatível com o luto, em uma cena descrita como perturbadora.

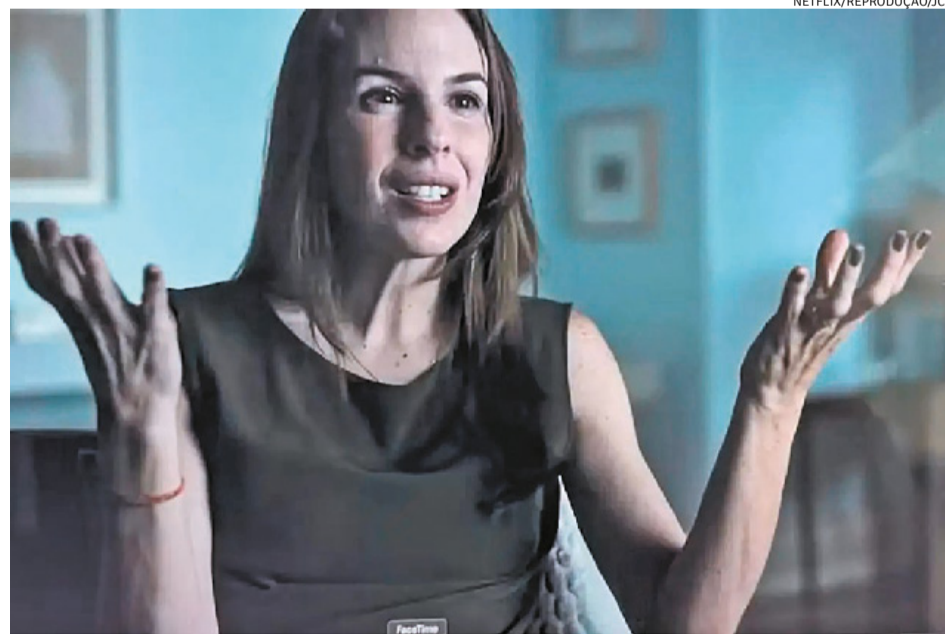
Suzane, por sua vez, nega essa versão e afirma que seria impossível realizar qualquer tipo de celebração na casa após o assassinato. O embate evidencia uma das principais críticas ao documentário: confrontar pouco as falas da entrevistada.

Entre os episódios destacados, Suzane relembra o período em que os pais viajaram para a Europa e ela passou a viver com Daniel dentro da casa da família. O momento é descrito por ela como de liberdade extrema, marcado por excessos e pela intensificação do relacionamento.

Além de revisitar o passado, o documentário também expõe a rotina atual de Suzane, que cumpre pena em regime aberto. Ela aparece ao lado do marido, o médico Felipe Zecchini Muniz, e do filho pequeno, em cenas que reforçam a tentativa de reconstrução de sua trajetória.

Ao longo da narrativa, Suzane afirma ser "outra pessoa" e tenta estabelecer uma separação entre quem era à época do crime e quem se tornou após anos de prisão. A maternidade e a religião seriam, diz ela, elementos centrais nessa transformação.

Mesmo antes do lançamento oficial, o documentário já circula entre grupos restritos e fãs de *true crime*, gerando forte repercussão nas redes sociais.



Produção, ainda sem data de lançamento, trará depoimentos de Suzane Von Richthofen

# fique ligado



## Cantando o legado da família Caymmi

Show *Para Minha Tia Nana*, de Alice Caymmi, terá apresentação no sábado no Espaço 373

Única herdeira com autoridade vocal e emocional para perpetuar o legado de Nana Caymmi, Alice Caymmi desembarca em Porto Alegre para um show que é um grito de amor da sobrinha para a cantora, que faleceu em maio do ano passado, aos 84 anos. A apresentação de *Para Minha Tia Nana* é neste sábado, às 21h, no

Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). Ingressos (de R\$ 80,00 a R\$ 240,00) pelo site Tri.RS.

O show, que vinha sendo realizado por Alice desde 2018, ganhou uma aura especial após o falecimento da homenageada, ganhando um caráter involuntário de tributo póstumo. Ela reinterpreta canções que conversam com a trajetória da tia, como *Resposta ao Tempo*, *Só Louco*, *Suave Veneno*, *Oração ao Tempo*, além dos boleros *Sabe de Mim* e *Se Queres Saber*. Em paralelo, Alice prepara, para 30 de abril, o lançamento de *Caymmi*, que revisita o cancionário do avô Dorival em uma releitura que dialoga com passado e presente.

ria da tia, como *Resposta ao Tempo*, *Só Louco*, *Suave Veneno*, *Oração ao Tempo*, além dos boleros *Sabe de Mim* e *Se Queres Saber*. Em paralelo, Alice prepara, para 30 de abril, o lançamento de *Caymmi*, que revisita o cancionário do avô Dorival em uma releitura que dialoga com passado e presente.

## Mendelssohn em destaque no fim de semana da Ospa

A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) realiza nesta sexta-feira, às 20h, o concerto *Sibelius e Mendelssohn* na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Sob a regência de Gustavo Fontana, os pianistas André Carrara e Eduardo

Knob solam em uma obra rara de Felix Mendelssohn-Bartholdy, em um programa que inclui ainda *Finlândia*, de Jean Sibelius. Ingressos no Sympla, entre R\$ 15,00 e R\$ 70,00. Antes, a palestra *Notas de concerto*, a partir das 19h, é conduzida pelo

pianista e professor André Loss.

No sábado, a programação continua com a *Série Música de Câmara*, que apresenta o *Octeto Mendelssohn/Glière* na Sala de Recitais da Casa da Ospa, às 17h. A entrada é gratuita, por ordem de chegada.

## Imersão no universo do pampa

Voz marcante da nova geração do folclore platino, a uruguaia Catherine Vergnes toca no Rancho Tabacaray (Vincente Monteggia, 2.770) na sexta-feira, às 20h. Ingressos a partir de R\$ 130,00 no Sympla. Catherine se destaca pela força interpretativa e pelo respeito às tradições musicais do pampa. Durante a noite, estará disponível ao público um cardápio à la carte pensado especialmente para a ocasião.



Uruguaia Catherine Vergnes canta no Rancho Tabacaray nesta sexta-feira

## Cjota, ainda melhor que ontem

Referência do *trap* nacional contemporâneo, Cjota volta a Porto Alegre com a turnê *Melhor que Ontem*, em show no Opinião (José do Patrocínio, 834) na sexta-feira, às 23h30min. O rapper deverá passear por sua carreira, revisando o recente *Cachorro Sincero* (2025) e reforçando momentos emblemáticos da sua trajetória. Ingressos no

Sympla, a partir de R\$ 80,00. Natural da comunidade Serra Verde, em Belo Horizonte, Cjota ganhou projeção em 2018, quando *Call 911* bateu recordes no *streaming*. A turnê *Melhor que Ontem* percorre a evolução do cantor, desde o *debut O Menino do Cabelo Rosa* (2023), passando por *Traumas e Vícios* (2024) até chegar à obra atual.

## A volta do Sonoridades

Vindo de Santa Catarina, o trio instrumental Skrotes é a primeira atração da nova temporada do projeto Sonoridades. A apresentação é domingo, às 17h, com entrada franca mediante retirada de ingressos no Sympla. Reconhecido pela intensidade ao vivo e pela

liberdade estética, o Skrotes desenvolveu uma sonoridade marcada por minimalismo e pela tensão rítmica. Sua música atravessa o jazz, a música clássica, os ritmos afro-brasileiros, o punk, o metal e a eletrônica, em um esforço para dissolver fronteiras estilísticas.

### Agenda

- Yago Oproprio traz sua mistura de funk, rap e MPB ao Opinião (José do Patrocínio, 834). Sábado, 21h, ingressos esgotados.
- Exposição *Pedra, papel, tesoura* reúne os artistas Túlio Pinto, Guilherme Dable e Bruno Borne na Ocre Galeria (Polônia, 495). Abertura no sábado, das 11h às 14h, entrada franca.
- Oigalê Coop. de Artistas Teatrais traz peça de rua *Teiniaguá – a Lenda da Salamanca do Jarau*. Sábado, 16h30min, na Praça México (Dona Leopoldina) e domingo, 16h30min, no Parque Chico Mendes (Mario Quintana). Gratuito.
- Famoso pelo canal Inutilismo no YouTube, LVCAS traz seu rock pesado ao Opinião no domingo, às 20h. A partir de R\$ 90,00, em terceiro lote, no Sympla.
- V744atelier (Visconde do Rio Branco, 744) promove bate-papo com Maria Paula Recena sobre sua exposição *La Esperanza/Água*, ao lado da curadora Gabriela Motta na sexta-feira, às 18h30min. Entrada franca.
- Andréa Cavaleiro é atração na nova edição do Samba do Quintana, na Travessa dos Cataventos da CCMQ (Andradas, 736). Domingo, das 17h às 19h30min, gratuito. Em caso de chuva, evento vai para 19 de abril.
- Paulinho Parada apresenta show *Seresta e Boemia* no Ordinário Bar (Bento Figueiredo, 72), aproximando choro e canção urbana. Sábado, 20h30min, livre.
- Rodacine leva cinema ao ar livre para a Restinga nesta sexta-feira, a partir das 19h. Exibições gratuitas do curta-metragem *Quaquarela* e do longa *Cavalo de*

*Santo*, próximo ao posto de saúde Macedônia (Macedônia, s/n).

- Margs (Praça da Alfândega, s/n) apresenta exposição *Além da forma – Abstracionismos no Margs, anos 1940–1970*. Abertura sábado, 10h30min, com visita dialogada. Entrada franca.
- Banda de rock Acústicos & Valvulados celebra 35 anos de carreira com show na sexta-feira, 21h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). A partir de R\$ 85,00, no Sympla.
- Sesc Alberto Bins leva ao Viva Open Mall (Nilo Peçanha, 3.228) o espetáculo infantil *Coelho: uma aventura de Páscoa*. Sábado, 16h, entrada gratuita.
- Rodrigo Chaise e King Jim vão ao Grezz (Almirante Barroso, 328) para show com clássicos do rock gaúcho e internacional. Sábado, 21h, a partir de R\$ 15,00 no Sympla.
- Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22) recebe, na sexta-feira (21h), a cantora Luana Maia e o guitarrista e violonista Gilberto Oliveira (a partir de R\$ 30,00). No sábado, 21h, Quarteto Saudade revisita tangos, música italiana, boleros e Bossa Nova (a partir de R\$ 40,00). Reservas em (51) 99880-7689.
- Espetáculo *Instinto*, do Coletivo Gompa, tem sessão gratuita domingo, 18h, no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). Retirada de ingressos a partir das 17h, na bilheteria do Multipalco.
- Feira Gráfica Garganta acontece neste sábado e domingo, das 14h às 20h, no multiespaço CC100 (Cristóvão Colombo, 100). Arte independente, oficinas, performances e experiências imersivas. Entrada gratuita.

# reportagem cultural

## A diva do samba gaúcho

Gabrieli Silva, especial para o JC \*

A voz vinha antes de qualquer registro.

Quem conviveu com Maria Helena Montier costuma lembrar primeiro do impacto: firme, afinada, atravessando o espaço com uma segurança que não se explicava pela idade nem pelo contexto. Uma presença que se impunha – no palco, na quadra, no rádio – como se já estivesse pronta antes mesmo de começar.

Na infância, na paróquia São José do Murialdo, no bairro São José em Porto Alegre, já chamava atenção em apresentações comunitárias. Foi ali que começou a cantar para o público. Fora dali, o impulso se repetia em outros espaços: um circo instalado na cidade, por exemplo, onde pediu para cantar ao passar pela frente – e cantou. Não uma vez apenas, segundo familiares, mas sempre que podia. O palco, desde cedo, parecia uma extensão natural. “Ela nunca teve medo de ir atrás do que queria”, lembra a produtora cultural Sayonara, amiga próxima. “Passava na frente de um circo e decidia que queria ser cantora. E ia.”

Essa naturalidade se confirmou nos primeiros circuitos mais estruturados. Aos seis anos, cantava na igreja; por volta dos nove, já se apresentava com mais frequência e chegava ao rádio ainda jovem. Na adolescência, passou a frequentar os programas de auditório da Rádio Farroupilha – um



Maria Helena Montier foi uma das primeiras mulheres a ser intérprete de escolas de Carnaval em Porto Alegre

dos principais espaços de formação artística da época – e integrou o *Clube do Guri*, apresentado por Ari Rêgo.

Era um ambiente competitivo, de exposição direta, com avaliação ao vivo. Maria Helena se destacava ali com consistência. Vencia, acumulava reconhecimento e dividia espaço com outros nomes que também buscavam projeção. Entre eles, Elis Regina, com quem chegou a dividir premiações e que demonstrava admiração por sua voz. Ainda assim, sua trajetória não foi

registrada com o mesmo destaque nos arquivos da época – um indício das assimetrias que atravessariam sua carreira. “Quando a Elis não ganhava, quem ganhava era a Maria Helena. Ela estava lá, todo domingo, cantando e vencendo. Mas isso não aparece nos registros”, observa Sayonara.

Um dos episódios mais lembrados desse período ajuda a dimensionar o que ela já representava. Em um concurso ligado ao circuito dos programas de auditório – com conexões com produtores de outros

estados e com a gravadora RGE – Maria Helena não estava inscrita. Ainda assim, insistiu para cantar. Era menor de idade e não tinha autorização do pai. Mesmo assim, subiu ao palco. E venceu.

A repercussão foi imediata entre músicos e produtores. Entre os presentes estava o produtor musical Milton Manhães, conhecido como ‘Pezão’ e ligado a projetos de lançamento de novos nomes do samba nos anos 1980, que a definiria como “um diamante a ser lapidado”. A partir dali, sua trajetória começa a se deslocar: deixa de ser apenas uma promessa local e passa a ser vista como uma cantora com potencial de projeção nacional.

Esse movimento se concretizaria mais tarde, no Rio de Janeiro, onde gravou o álbum *Maria Helena* (1987), pela RGE/RJ, e, décadas depois, *Pra Quem Vier* (2018), ambos com produção de Manhães.

Mas antes desse deslocamento, havia outro eixo já consolidado: o Carnaval.

Muito antes da indústria fonográfica, era ali que sua voz já circulava com força. Aos 15 anos, ingressou nas tribos carnavalescas – manifestação singular do carnaval porto-alegrense, marcada pela presença da cultura popular negra e por referências indígenas. Passou por grupos como Comanches, Bororós, Fidalgos e Aristocratas. “Ela tinha trânsito em várias escolas. Onde chegava, ocupava espaço”, lembra o músico e mestre de bateria Nilton Ferreira, que tocou com Maria Helena nos grupos Satirisamba e Fantástico Samba Show.

Na década de 1970, essa pre-

sença se amplia nas escolas de samba. Sua passagem pela Imperadores do Samba se tornaria um marco, especialmente no desfile de 1975, quando a escola foi campeã com o enredo *A apoteose histórica do mundo literário de Jorge Amado*. A interpretação de *Povo Meu*, de Wilson Ney, se fixou como assinatura – uma dessas canções que atravessaram o tempo e permaneceu como referência entre os amantes do carnaval. “Ela eternizou esse samba”, resume Nilton.

Também integrou outras escolas importantes, como Praiana, Bambas da Orgia e Realeza, onde participou da conquista do título em 1983. Em um ambiente majoritariamente masculino, sua presença não era trivial. “Era um espaço difícil, mas ela se impunha. Era respeitada”, afirma o cantor e intérprete Kauby, da escola Imperadores do Samba e amigo próximo da artista.

Paralelamente, sua atuação na música popular se expandia por outros espaços.

A noite, cantava em clubes, bailes e casas noturnas. Integrava grupos como o Fantástico Samba Show – criado por Nilton Ferreira – e o Satirisamba. Dividiu palco com músicos como Odilon, Cabeto, Jair, Neja, Mão do Cavaco e Jorge Carvoeiro, circulando por espaços como a Sociedade Floresta Aurora e clubes da região metropolitana.

O repertório era amplo: samba, música popular brasileira e interpretações de artistas como Martinho da Vila, Chico Buarque, Alcione e Nelson Cavaquinho. “Ela tinha uma voz privilegiada, de grande alcance. Sempre se destacava em tudo que fazia”, recorda o Mestre Nilton.

Esse período coincide com a consolidação do samba-exaltação no Rio Grande do Sul – um estilo de forte apelo coletivo, ligado diretamente ao desfile. Maria Helena se destacou nesse contexto por uma interpretação potente, de grande projeção vocal e densidade emocional. Dialogava com referências como Clara Nunes e Maria Bethânia, sem perder a identidade própria.

Em determinado momento, no entanto, sua trajetória se desloca novamente. Na vida adulta, afasta-se dos palcos. Casa, tem filhos e reorganiza a vida fora da música. Forma-se técnica de enfermagem e ingressa no serviço público. Ainda assim, nunca deixa de cantar. “Ela dizia: ‘se a vida está difícil, então eu vou trabalhar mais’”, lembra Sayonara.



Maria Helena Montier à frente do Grupo Satirisamba, que agitou durante anos as noites nos bailes e clubes da Capital

ARQUIVO PESSOAL MARIA HELENA MONTIER/REPRODUÇÃO/JC

MARIA HELENA



Capa do LP *Maria Helena* (1987), lançado pela RGE/RJ

O retorno acontece em outro território. Ao pedir licença do hospital e mudar-se para o Rio de Janeiro, onde viveu por cerca de duas décadas, aprofunda sua inserção no universo do samba e do carnaval. Atua como cantora e articuladora cultural, grava projetos coletivos e seu disco solo, e estabelece relações com nomes importantes da música brasileira, como Zeca Pagodinho, com quem manteve amizade.

Nesse período, sua presença também se firma em espaços de preservação da memória do samba. No Centro Cultural Cartola, atua ao lado de Nilcemar Nogueira – neta de Dona Zica e do compositor Cartola – participando de projetos de formação e convivendo com artistas e pesquisadores da tradição. Ali, sua voz continua sendo reconhecida, não apenas pela técnica, mas pela presença. “No Sul, ela era muito lembrada como cantora de carnaval. No Rio, ela era reconhecida como cantora, sem rótulo”, relata a neta Natasha Montier, que acompanhou a avó ao longo da vida e hoje vive no Rio de Janeiro.

Nos últimos anos, manteve-se ativa. Cantava em eventos, participava de encontros musicais, reencontrava parceiros de trajetória. Mesmo quando falava em encerrar, não se afastava completamente. “Ela sempre dizia que ia parar, mas nunca parava. Se chamassem, ela ia e cantava”, lembra Natasha.

Tinha o desejo de realizar um show de despedida no Theatro São Pedro. Não realizou. O projeto chegou a ser inscrito em edital, mas não avançou. Ainda assim, a ideia persistia. “Ela queria esse show aos 80 anos, aqui no Sul”, conta Natasha.

Porque, de certa forma, nunca se despediu.

Sua história não se fecha em um arco linear, nem se apoia em um conjunto completo de registros. Ela persiste de outra maneira – na memória, nas vozes que a repetem, nos espaços por onde passou. Como sintetiza Nilton: “ela gostaria de ser lembrada cantando. Foi o que fez a vida inteira”.

Antes dos discos, antes dos palcos maiores, antes dos registros – havia a voz.

E foi ela que ficou.

## Uma griô, entre o palco e o axé

Na tradição de matriz africana, griô é quem guarda e transmite a memória coletiva, não apenas como narrador, mas como ponte viva entre passado e presente. É quem ensina pela palavra, pelo exemplo e pela escuta. Entre os que conviveram com Maria Helena Montier, esse é um dos sentidos mais recorrentes para defini-la: uma griô contemporânea.

Maria Helena Montier escapava de qualquer definição única. Entre parceiros, familiares e pesquisadores, há um consenso de que sua atuação extrapolava o palco. Guardava histórias e transmitia saberes no convívio direto. Era conhecida por incentivar

quem estava começando, indicar oportunidades e, muitas vezes, puxar outros para o palco.

Mãe de santo – ou, como preferia ser chamada, zeladora de santo –, recebia pessoas de diferentes regiões do Brasil e até do exterior em busca de orientação. Ainda assim, evitava projetar essa dimensão como marca pública central. Não negava sua função religiosa, mas tampouco a transformava em autopromoção.

Sua espiritualidade era prática: atendia, orientava, acolhia. Ao contrário de outras lideranças, não estimulava necessariamente a formação de novos filhos de santo, preferindo que cada um construísse seu próprio caminho.

Maria Helena era direta, exigente, pouco afeita a concessões. Ao mesmo tempo, mantinha uma capacidade constante de cuidado. Criou filhas, acompanhou netas, acolheu diferentes trajetórias ao longo da vida. Sustentou, muitas vezes sozinha, estruturas familiares e redes de apoio que extrapolavam o círculo doméstico.

Até os últimos anos de vida,



Agenda da sambista seguia cheia de eventos em seus últimos anos de vida

manteve uma rotina ativa. Cantava, participava de eventos, seguia em contato com parceiros antigos, mesmo diante de limitações físicas. Sua morte, aos 81 anos, encerra uma trajetória marcada por deslocamentos geográficos, sociais e simbólicos – de Porto Alegre ao Rio de Janeiro, do rádio

ao carnaval, do palco ao terreiro.

Para mulheres que vieram depois, especialmente mulheres negras, sua presença abriu caminhos. Sem necessariamente reivindicar esse lugar em discurso, Maria Helena o construiu na prática, como fazem os griôs: vivendo, ensinando e deixando marcas.

## Carnaval gaúcho: a oralidade como arquivo vivo

A história do Carnaval gaúcho não está nos arquivos. Está nas pessoas.

Diferente de outras manifestações culturais institucionalizadas, o samba no Rio Grande do

Sul se construiu à margem dos registros formais. Parte da documentação se perdeu ao longo do tempo entre incêndios, mudanças de gestão e descaso histórico. Outra parte nunca chegou a existir.

O que permanece atravessa décadas pela oralidade, sustentado pela memória de quem viveu.

“O Carnaval é o retrato do negro no Brasil”, resume o cantor e pesquisador Aryzinho Rodrigues, ligado às escolas desde a infância. A frase aponta para uma condição recorrente: uma cultura central na prática, mas frequentemente lateral no reconhecimento.

Nesse contexto, o Carnaval se consolida como uma das principais expressões da cultura negra no Estado – espaço de pertencimento, identidade e criação coletiva. Ao mesmo tempo, evidencia as lacunas de um País que pouco registrou essas trajetórias.

Se fora dos registros o Carnaval muitas vezes não foi preservado, dentro das escolas ele se sustenta no trabalho cotidiano de quem o constrói.

O desfile que chega à avenida é resultado de um trabalho contínuo, construído em ensaios, barracões e articulações comunitárias. É nesse cotidiano que o Carnaval se sustenta – e nele, a presença feminina é decisiva. São mulheres que organizam, costumam, articulam, mobilizam e mantêm vivas as redes que tornam o desfile possível.

Ainda assim, visibilidade e protagonismo não se distribuem da mesma forma. O microfone principal – ponto de comando da escola – foi historicamente ocupado por homens. Não por imposição formal, mas pela repetição de

um padrão que se consolidou ao longo do tempo. Algumas mulheres chegaram a esse espaço, mas suas presenças não se converteram em tendência.

Nomes como Shirley Machado, Neusa Maria e Vitória Feijó permanecem na memória das escolas, reconhecidas por quem acompanhou suas trajetórias. São referências importantes, mas ainda pontuais dentro de uma estrutura que pouco se alterou nesse aspecto.

Foi nesse cenário que Maria Helena se destacou.

Sua presença no canto oficial não redefiniu sozinha esse espaço, mas produziu uma mudança perceptível. Ao sustentar o microfone em grandes escolas, ocupou com consistência um lugar historicamente restrito.

Outro destaque, para além da voz, era a forma de atuação. Circulava entre escolas, participava de ensaios, dividia palco com iniciantes. Seu percurso se construía em relação direta com a comunidade.

“Maria Helena abria caminhos.” A frase, recorrente entre aqueles que conviveram com ela, não aponta para uma transformação concluída, mas para um movimento: a ampliação, ainda que gradual, do que se torna possível.



Cantora puxou enredos de escolas como Imperadores do Samba e Realeza



**Gabrieli Silva** é repórter freelancer e fotógrafa independente





Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## Dando voz aos mortos, uma última vez

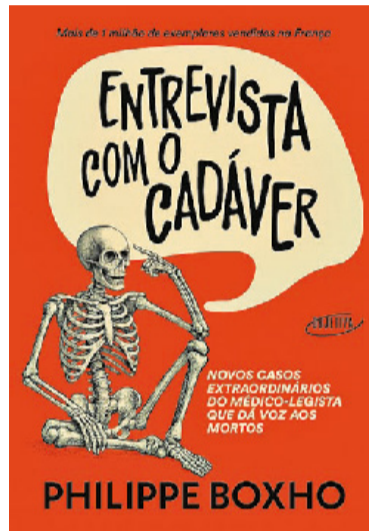
**Entrevista com o cadáver** (Objetiva, 192 pág, R\$ 64,90, tradução de Julia da Rosa Simões), de Philippe Boxho, consagrado médico-legista, escritor e professor da Universidade de Liège, é a sua obra mais recente. Philippe nasceu em 1966, em Liège, Bélgica e desde 2023 conquistou grande sucesso com seus livros envolvendo autópsias, histórias e fatos surpreendentes. Seu primeiro livro, *Os mortos também falam*, foi publicado pela Objetiva em 2025.

Entre o bisturi e os tribunais, depois de décadas de bem sucedida carreira, Philippe diz: “Prefiro rir da morte antes que, um dia, ela ria de mim”. Com linguagem bem-humorada, o autor fala de assassinatos que parecem acidentes e de acidentes que, na verdade, são assassinatos. Esse novo livro não é a mera continuação do primeiro, que foi imenso sucesso.

Philippe nos mostra que

uma sala de autópsia como a dele não precisa ser fria e triste e que lá pode existir muita vida e descobertas cruciais. Tratando de vida e morte, dando voz aos mortos pela última vez, o autor também fala de grandes mistérios forenses como a morte do Rei Alberto I, da Bélgica, definida como acidente. Philippe faz uma autópsia de Jesus Cristo, na qual examina detalhadamente a crucificação.

Sem deixar de fora o lado literário de seus relatos, o autor reafirma o tamanho da responsabilidade dos profissionais da ciência forense, na medida em que as informações que analisam são capazes de mudar destinos, inocentar ou culpar réus e modificar vidas inteiras. “O essencial é não errar nem ir além do que se pode afirmar com segurança”, diz o autor das histórias que, ao mesmo tempo que são macabras, são escritas com leveza, verdade, comicida-



de e rigor científico.

Como se vê, o autor gosta de descobrir pistas e indícios, reunir tudo que lhe permita dar voz aos mortos uma última vez e ouvir o que eles têm a dizer, ou seja, colocar os mortos a falar. Aos trinta anos de carreira, Philippe tem muito a contar e sabe muito bem como fazer isso.

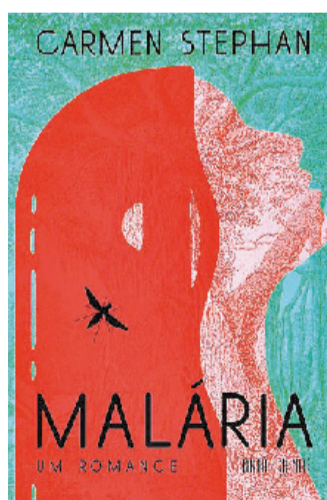
## lançamentos



► **Nas entrelinhas do pensamento** (Edição do Autor), do Dr. Fernando Pitrez, consagrado médico, escritor e professor universitário, é uma homenagem aos familiares e amigos do Alto da Bronze, que com ele conviveram e convivem. Lançamento 13/4, 18-20h, Centro Histórico e Cultural da Santa Casa. Exemplares serão distribuídos gratuitamente.



► **Viver & Ser Feliz** (AGE, 272 pág), do ilustre e experiente advogado, jornalista, escritor e homem público Edson Pereira Neves, apresenta inspiradores textos que ressaltam que toda vida humana precisa ter um significado. Para viver e ser feliz, não basta apenas existirmos e, ajudando alguém, o maior beneficiado seremos nós mesmos. Edson generosamente divide suas leituras, reflexões e vasta vivência com os leitores.



► **Malária** (Tinta-da-China Brasil, 169 pág, R\$ 79,90), romance de estreia da premiada escritora alemã Carmen Stephan, é uma contagiante história de vida e morte iniciada na Amazônia, narrada por um mosquito. O texto, em perspectiva não antropocêntrica, une maestria da construção ficcional, beleza da divulgação científica e a potência das narrativas autobiográficas.

## e palavras...

### UM PSIQUIATRA PARA O BRASIL NO DIVÃ

Desde a Carta do Caminha, certidão de nascimento do Brasil, na qual ele pedia uma força ao Rei para liberar o genro que cumpria pena de banimento na África, passando pelos escândalos de sempre e chegando aos dos últimos minutos, sempre com altos índices de crescimento e por outras escabrosas histórias coloniais, imperiais e republicanas envolvendo doideiras, roubalheiras, interesses públicos nas privadas e cenas hiper-surrealistas de nosso amado Sanatório Geral, para o qual o saudoso Tim Maia foi nomeado Síndico, a gente sempre soube que é melhor e mais fácil gostar e amar o Brasil do que entendê-lo. Entender esse País complexo e maravilhoso, que é o Brasil, definitivamente, nunca foi para amadores. Tomara que, segunda que vem, o País comece a virar Nação. Será que se tivesse sido mantida a monarquia não seria mais barata a coisa pública e não estaríamos melhor? Divagações, “divângeações”, mas no mundo atual, onde tem monarquia em geral a coisa está bem.

Esse lero inicial aí, nem tão nariz de cera, é para falar da novidade patropi-psi do momento: temos um candidato psiquiatra a presidente da República. Já tivemos no comando do País do Futuro militares, advogados (a maioria), médico, engenheiro, professores, sociólogo, economista, metalúrgico e até um ministro presidente do STF, José Linhares, foi nosso presidente por três meses, de outubro de 1945 a janeiro de 1946, na transição Estado Novo/redemocratização.

O Avante anunciou domingo passado o famoso

escritor, professor e psiquiatra Augusto Cury como pré-candidato à Presidência da República. Cury tem dezenas de livros publicados com grande sucesso, em mais de 90 países. No Brasil consta que já vendeu mais de 25 milhões de livros. Ele defende saúde mental, educação de qualidade e formação de líderes. A novidade gerou expectativa no contexto eleitoral. Numa palestra aqui na Capital, eu perguntei para o Sérgio Paulo Rouanet o que ele achava de um psiquiatra na presidência. Ele disse que a alternativa era inusitada, mas de pensar.

Se eleito, Cury, autor da Teoria da Inteligência Multifocal, e que não é exatamente freudiano, seguindo linha própria, além das inevitáveis escolhas políticas e econômicas, certamente poderia e deveria ajudar, com elementos de psicologia e filosofia, no controle da ansiedade, gestão das emoções, pensamento crítico e qualidade de vida mental. Está todo mundo mais nervoso que gato em dia de faxina. Cury é acessível, eficiente, simples e todo mundo entende. Os críticos dizem que ele não é muito científico, que é simples demais e tal.

Quem sabe um psiquiatra presidente possa coordenar uma grande terapia nacional de grupo, onde a gente encontre uma saída que não seja o aeroporto, o Uruguai, Miami ou o florescente, seguro e estável Paraguai. Pensando bem, um freudiano ortodoxo para remoer nosso passado e nossas inconsciências não é o caso. Quem sabe Cury foque e nos foque no presente e no futuro. Quem sabe seremos nossos próprios *coaches* desbravando territórios, ações e poderes até então desconhecidos.

## a propósito

Quero dar minha humilde contribuição. Se o Dr. Cury for presidente ou mesmo indicado para um ministério, se outro candidato ganhar, sugiro a criação de um Ministério da Corrupção. Cury poderia criar o grupo Corruptos Anônimos, para que os doentes crônicos corruptos pudessem se ajudar, se curar do mal terrível e nos ajudar e ao País. Pode-

ria ser criado um Museu da Corrupção, tipo o maravilhoso Museu Vasa de Estocolmo, Suécia, atração número um, que mostra tudo o que políticos e população jamais devem fazer. Bom, vou ficando por aqui. Se o Dr. Cury for eleito, pedirei ajuda, que estou meio estressado com tudo o que está aí. Se não for, também pedirei ajuda. **(Jaime Cimenti)**

## pensando cultura

# Conheça a saga da ilustração de Elifas Andreato comprada a R\$ 5,00 em um bazar de igreja

Em setembro de 1982, a revista Playboy publicou uma reportagem sobre a turbulenta tentativa de Geraldo Vandré de retomar sua carreira musical após a censura na ditadura e o exílio. A ilustração foi encomendada a Elifas Andreato - morto em 2022, e que completaria 80 anos agora -, àquela altura já um dos artistas gráficos mais célebres do País.

O trabalho, como conta a Folhapress, trazia uma impressão digital no lugar de um rosto e tinha as marcas distintivas do autor, mas acabaria não ilustrando o artigo sobre Vandré - de última hora, foi substituído por outro do mesmo Elifas. Exibindo uma pequena foto da imagem original, o texto de apresentação daquela edição da revista explicava o ocorrido.

“Dois dias depois de receber esta ilustração, o editor de arte Carlos Grassetti foi surpreendido por um novo e fortíssimo trabalho, que Elifas enviou com o seguinte bilhete: ‘Carlos, eu gostaria muito que este trabalho fosse publicado! Ele me emociona mais. Acho o Vandré a ferida de toda uma geração, que não cicatriza nunca - e de certa forma todos nós temos um pouco a ver com esse corte. Por tudo isso, eu espero que vocês publiquem isso. Um abraço, Elifas’. Nós publicamos, Elifas, também emocionados.”

O “novo e fortíssimo trabalho”, que terminou publicado, mostrava uma cicatriz mal coberta por um *band-aid*, dialogando com o título da reportagem, “Vandré, símbolo de uma geração ferida”. Pode ser conferido mais ao lado, assim como a ilustração original, cujo destino guarda uma história ainda mais mirabolante do que a do seu começo.

Em 2021, um ano antes de morrer, Elifas encaminhou à sua filha Laura uma mensagem que recebera num domingo por WhatsApp. Uma mulher dizia que havia comprado numa feira uma ilustração com a assinatura dele e gostaria de saber se ele era de fato o autor. Tratava-se da primeira ilustração feita para a matéria da Playboy.

“Boa noite. É um desenho meu. Não sei como foi parar numa feirinha. Acho estranho isso. Por favor me dê mais informações sobre como comprou e quanto pagou”, respondeu o artista à desconhecida. “Foi em

uma feira de igreja, hoje em Brasília! Paguei R\$ 5,00”, respondeu a interlocutora.

Laura ficou surpresa, e perguntou ao pai: “Nossa! É um original?”. “Sim. Ficou na redação (da revista) quando substituí pelo curativo na ferida Geraldo Vandré”, respondeu Elifas. A filha então questionou: “E quem te mandou essa mensagem?”. “Eu não conheço. Ela não se identificou”, disse o artista. “Mas como ela tem seu número?” “Alguém deu. Ela mandou mensagem para confirmar a autenticidade.”

Ao entrevistar Laura Andreato sobre homenagens ao seu pai pelos 80 anos, a filha do artista mencionou a história à reportagem, que partiu então para montar o quebra-cabeças. A mulher que procurara Elifas em 2021 não disse seu nome, mas o número dela ficou registrado.

Ela é Vânia Freitas, antiquária e professora de artes do ensino fundamental aposentada. “A gente morava em Brasília e a minha filha estava começando com uma loja de garimpo, de antiguidades. Até hoje vivemos garimpando, somos garimpeiras assumidas. Brasília é muito rica pro garimpo, né?”, contou, por telefone.

“A gente foi nesse bazar de igreja. Quando chegamos, já estava no final, só tinha tranqueira, não tinha mais nada. E essa obra estava escoradinha num armário. E aí eu vi. Eu conhecia (Elifas) já pelo nome, né? Eu falei (para minha filha), R\$ 5,00, Fernanda. Gostei da obra e ela está aqui. Paguei R\$ 5,00. Aí na época mandei uma mensagem para ele e ele me confirmou. Não sei se eu achei (o número dele) no Instagram, ou no Google, não lembro. Ele respondeu com muita educação e disse que era dele, sim”, diz Freitas.

Embora não conheça bem o trabalho de Elifas - não sabia sobre as célebres capas de álbuns da MPB, por exemplo -, ela relata que, quando viu a assinatura, sabia que era de um artista conhecido. “Sabia, porque eu sou professora de artes, né? Sou formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E a gente tem essa coisa, sabe o nome de artistas. Às vezes não sabe bem o nicho, mas quando olha, sabe.”

Laura, a filha de Elifas, disse não saber como a ilustração foi parar num bazar de igreja em



Arte foi concebida por Elifas Andreato para ilustrar texto da Playboy sobre Geraldo Vandré, em 1982, mas acabou substituída



Antiquária Vânia Freitas, com ilustração original de Elifas Andreato que comprou por R\$ 5,00 num bazar em Brasília

Brasília. Mas lembra que o pai tinha costume de doar trabalhos, o que torna o rastreamento uma tarefa árdua.

“Ele era um artista que pensava o produto final como sendo o que saía da gráfica. Então essa ideia que a gente vê nas artes plásticas do original como tendo um valor, para ele sempre foi uma coisa... Aquilo não era ainda

a obra, né? Ele pensava o trabalho para ser reproduzido, distribuído. E isso, para mim, é um dos aspectos interessantes da obra do meu pai”, diz Laura, que é artista visual e educadora.

Indagada se pretende manter ou vender a ilustração, a antiquária Vânia Freitas respondeu: “Se me aparecesse alguma oferta boa, até venderia”. Laura mostrou

interesse em incorporar o trabalho ao acervo do pai - que, por uma parceria do Instituto Elifas Andreato com o Centro Universitário Belas Artes, será disponibilizado para os alunos da instituição e para consulta pública. Entrou em contato com Vânia, mas, até a conclusão desse texto, não há notícia de que tenha havido negócio.